

DEMO, Pedro. *Pesquisa participante: mito e realidade*. Rio de Janeiro, SENAC/DN, 1984, 112p.

O autor pretende fazer uma reflexão crítica sobre a pesquisa participante: "nosso esforço aqui deverá caracterizar-se pelo rigor metodológico, dentro da ótica das ciências sociais. Sem descurar do aspecto participativo, precisamos indagar, na devida profundidade, pelo aspecto de investigação científica. Assim, acompanha-nos sempre a pergunta, até que ponto o tratamento teórico e prático da realidade social está sendo levado em frente pela pesquisa participante".

O livro está organizado em quatro partes. Na primeira, o autor tece considerações sobre o que é pesquisa. Na segunda, sob o título "A decepção da pesquisa tradicional", faz uma crítica às formas tradicionais de investigação científica. Na terceira, volta-se para o estudo dos elementos metodológicos da pesquisa participante, onde aborda a questão da teoria e da prática. A este respeito, diz: "para as ciências sociais, uma teoria desligada da prática não chega sequer a ser uma teoria. E é nesse sentido que muitos diriam ser a prática o critério da verdade teórica". A quarta parte — "Usos e abusos da Pesquisa Participante (PP)" — traz uma discussão crítica sobre a pesquisa participante. Como conclusão, são feitas algumas considerações sobre as alternativas desse gênero de pesquisa.

Analisando o que é pesquisa, o autor a considera como a atividade básica da ciência. Neste sentido, "a pesquisa aparece no contexto da ciência como seu movimento fundamental de descoberta da realidade". Sobre este aspecto, Pedro Demo complementa "que a realidade não pode ser totalmente descoberta e esgotada, o que nos remete a um conceito processual de ciência, intrinsecamente dialético, sempre superável, discutível e histórico".

Distingue, assim, quatro gêneros de pesquisa: a teórica, a metodológica, a empírica e a prática.

Por pesquisa teórica entende a ordenação da realidade ao nível mental, sendo fundamental no processo científico, uma vez direcionado à descoberta e à discussão da realidade. A pesquisa metodológica caracteriza-se pela descoberta criativa e crítica de modos de dialogar com a realidade social. Já a pesquisa empírica é a mais usual, e, em Ciências Sociais, passou a monopolizar o sentido de pesquisa como se fosse a única maneira de descobrir a realidade — consiste na experimentação da realidade e faz uso de técnicas de coleta, mensuração e manipulação de dados e fatos. Finalmente, a pesquisa prática caracteriza-se pelo teste da realidade concreta, pela descoberta e manipulação da realidade e pela prática político-ideológica que assume compromissos com opções de realização histórica.

A pesquisa participante e a pesquisa prática podem ser colocadas como sinônimas. A pesquisa participante busca a identificação entre sujeito e objeto, eliminando as características do objeto, e visa levar a população a participar ativamente da pesquisa, produzindo conhecimentos e intervindo na realidade própria. Caberá ao pesquisador "que vem de fora, identificar-se ideologicamente com a comunidade, assumindo sua proposta política, a serviço da qual se coloca a pesquisa".

Concluindo, o autor traça um "esquema instrumental, que tenta contrapor os quatro gêneros através de algumas características da pesquisa". Neste sentido, são relacionados os vários aspectos centrais das pesquisas quanto ao produto científico, ideologia, controle ideológico, teoria e prática, relação sujeito/objeto, descoberta da realidade e, finalmente, quanto à delimitação científica predominante em cada uma.

No capítulo seguinte, Pedro Demo mostra que a pesquisa participante "em parte, nasce e se sustenta sob o signo da decepção com respeito à pesquisa tradicional". Acrescenta, ainda, que "a alienação da Universidade faz eco a esta mesma decepção", por formar um grupo profundamente elitista "tendendo a desprezar os que a ela não têm acesso".

Em seguida, indica quatro principais defeitos da pesquisa empírica, apontados por Budd Hall em 1975: a) simplificação excessiva da realidade o que contribui para sua imprecisão; b) apresenta-se alienante, dominadora ou opressiva porque pratica uma ideologia favorável às discriminações sociais vigentes; c) não facilita a ligação com a ação subsequente; d) utilização de métodos inconsistentes com certas características da população estudada. A partir daí faz uma abordagem histórica do movimento da pesquisa participante, citando a posição de vários autores, dentre eles Fals Borda "que insiste no valor do saber popular, mesmo no sentido comum e chega à idéia discutível da ciência do proletariado".

As propostas de mudanças da pesquisa participante refletem a intenção de "busca de alternativas em Ciências Sociais questionando o modelo tradicional de pesquisa e conhecimento". A pesquisa participante surge então como um novo paradigma em ciências sociais, como aquela que busca a intervenção na realidade. Porém, "mesmo na PP a realidade que se manipula é aquela cientificamente elaborada, que a ciência propõe como real".

Segue uma visão crítica da pesquisa participante em relação à pesquisa tradicional, incluindo aí a pesquisa teórica e a pesquisa metodológica, para concluir mais adiante que "a realidade social não é algo neutro. É uma polarização constante e processual. A dimensão política é parte componente inevitável. Assim, as ciências não são um fenômeno inocente, mas carregado historicamente com as cores próprias de um projeto de sociedade. Não são jamais inúteis, porque servem a alguém. São inúteis apenas à solução dos problemas dos dominados. Para os dominadores são pelo menos técnicas de controle social".

Na terceira parte discute os elementos metodológicos da pesquisa participante, levantando questões, tais como: "até que ponto é mais participação do que pesquisa e em que medida participação pode ser uma maneira de descobrir a realidade e de manipular".

Analisando o aspecto teoria e prática, constata algumas características da prática, a saber: ela "é sempre uma opção da teoria que a fundamenta por trás"; apresenta um "traço concreto ao contrário da teoria que é generalizante"; possui caráter limitante face à teoria. Em relação a este caráter limitante, o autor esclarece que "uma coisa é a realidade teoricamente estruturada e sistematizada, outra é a realidade como se dá efetivamente no mundo real". Uma quarta característica é que toda prática "é necessariamente ideológica, porque realiza-se dentro de uma opção política".

Afirma, ainda, que "a prática é condição de historicidade da teoria" – sua relevância está em ser "realização histórica concreta". Mostra, também, "a qualidade dialética do relacionamento entre teoria e prática", esclarecendo que uma não existe sem a outra, mas cada uma possui densidade própria, o que possibilita um relacionamento dinâmico.

Mais adiante, apresenta as posições de alguns autores no que diz respeito à definição de pesquisa participante, a fim de avaliar sua adequação como pesquisa. Enfatiza que o importante, do ponto de vista metodológico, é a união entre conhecimento e ação. Cita, então, Luiz Rigal: "conhecimento e ação são dois aspectos inseparáveis da atividade humana". E conclui: "... a metodologia que cabe à Pesquisa Participante é certamente a dialética porque é a que assume o contexto histórico, privilegia a apreensão e o tratamento dos conflitos sociais, propugna a transição histórica e acredita nos fatos humanos como capazes de interferir em condições objetivas dadas". Traça a seguir uma visão crítica de pesquisa participante acrescentando que ela não poderá existir como processo educativo se o pesquisador recusa-se a aprender com os outros.

Ressalva que a pesquisa participante "não é somente possível, mas necessária para repormos a inter-relação dinâmica entre teoria e

---

*prática" e segue fazendo apreciações quanto à sua validade, enfatizando que "a PP realiza as marcas típicas deste relacionamento dialético: traduz a teoria numa opção concreta não somente tentando-a com a realidade concreta, mas sobretudo realizando e explicitando a opção política e ideológica contida".*

*Mostra ainda, que a pesquisa participante "obriga à revisão teórica", "força à criatividade" e "pode ser vista como participação baseada na pesquisa". "Neste sentido, poderíamos dizer que o específico na PP é a fundamentação científica da opção histórico-política".*

*Ao se referir à relação entre sujeito e objeto diz que "é sempre dinâmico, polarizado e produtivo o relacionamento entre pesquisador/comunidade e a realidade circundante".*

*Em seguida, no que concerne às críticas e autocríticas, cita vários autores, dentre eles Grossi, o qual reconhece três problemas possíveis na pesquisa participante: "a redução da PP à participação formal, a abordagem manipulativa e o ativismo de aproximações ingênuas".*

*Sendo que "a participação formal significa confundir a observação participante com PP".*

*Em suas considerações finais, o autor posiciona-se face às precariedades teóricas e metodológicas da pesquisa participante, concluindo a seguir que "é importante fixar a PP como gênero válido de pesquisa. Pelo menos dois componentes precisam ser constatados. De um lado, a preocupação com a descoberta e com o tratamento da realidade social, mesmo que seja usando técnicas tradicionais, mas sob forma participada. De outro, a fundamentação científica do compromisso ideológico-político".*

*Finalmente, alerta para o fato de que "o abuso mais típico da PP será, sem dúvida, a exacerbação política e ideológica, em detrimento do componente científico. Em outras palavras, o ativismo". E, ainda: "nem toda pesquisa é participante. Nem toda participação é pesquisa". (Maria de Fátima S. Cardoso)*